

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Laura França Menezes Silva

**ENTRE CONTESTAÇÃO E OSTENTAÇÃO
O RAP, O FUNK E O TRAP NO CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Célia da Graça Arribas

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Laura França Menezes Silva, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072023A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ENTRE CONTESTAÇÃO E OSTENTAÇÃO: O RAP, O FUNK E O TRAP NO CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO**, desenvolvido durante o período de ABRIL DE 2023 a JULHO DE 2023 sob a orientação de Célia da Graça Arribas, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2023.

Laura França Menezes Silva

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

ENTRE CONTESTAÇÃO E OSTENTAÇÃO

O RAP, O FUNK E O TRAP NO CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO

Laura França Menezes Silva¹

RESUMO

Neste artigo pretendo analisar a história, as relações e as especificidades, no Brasil, dos movimentos artísticos, musicais e culturais denominados Rap, Funk e Trap. Em primeiro lugar, analiso a formação e as características dos estilos musicais Rap e Funk, e como ambos se expressam através de suas letras. Em seguida, dou destaque para compreender como, a partir da fusão desses dois ritmos, surge o estilo Trap, que culminou em grande parte no esvaziamento político de suas letras, em relação principalmente ao Rap, marcado pelas suas críticas sociais. O Trap fusiona os ritmos do Rap e do Funk, porém suas letras dão destaque às festas, à ostentação, às mulheres e ao uso de narcóticos. Por meio de levantamento bibliográfico e da análise de algumas letras e da trajetória de alguns grupos e MCs, busco refletir sobre o surgimento de cada estilo musical, suas relações, as formas de distinção social e cultural que cada estilo fomenta, com destaque para as tensões entre contestação das desigualdades sociais e a ostentação de estilos de vida embasados no consumismo de marcas e no hedonismo.

PALAVRAS-CHAVE: Rap, Funk, Trap, Estilo de vida, Distinção Social, Sociedade, Cultura.

1. INTRODUÇÃO

O cenário musical brasileiro é rico em diversidade e influências culturais, e três movimentos artísticos e musicais que têm desempenhado um papel significativo são o Rap, o Funk e o Trap. Cada um desses gêneros possui uma trajetória única, com raízes que remontam a diferentes momentos da história do Brasil. Neste artigo, exploraremos a história, as relações e as especificidades desses movimentos, enfocando seu desenvolvimento e impacto na cultura brasileira.

O Rap, surgido nas comunidades negras e periféricas dos Estados Unidos, encontrou solo fértil no Brasil, especialmente nas décadas de 1980 e 1990. Inicialmente, o Rap brasileiro tinha um forte cunho político e contestador, abordando questões sociais e denunciando a desigualdade e o racismo. Com o passar do tempo, o gênero se diversificou, incorporando novas sonoridades e temáticas, mas manteve sua essência de dar voz às comunidades marginalizadas.

O Funk, por sua vez, tem suas raízes no movimento black e soul dos Estados Unidos, e ganhou popularidade no Brasil na década de 1970. Inicialmente associado às festas e bailes da periferia carioca, o Funk carioca se tornou um dos principais representantes da cultura popular brasileira. Com suas batidas envolventes e letras muitas vezes eróticas e festivas, o gênero tem sido alvo de controvérsias, mas também tem desempenhado um papel importante na expressão cultural das comunidades e no desenvolvimento de artistas talentosos.

Mais recentemente, o Trap emergiu como um movimento artístico e musical que fusiona elementos do Rap e do Funk, trazendo uma nova estética sonora e lírica para o cenário musical brasileiro. Com suas batidas intensas e letras que retratam festas, ostentação, relacionamentos e o uso de narcóticos, o Trap

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Célia da Graça Arribas.

conquistou uma base de fãs fervorosa e se tornou um fenômeno cultural. No Brasil, o Trap tem ganhado cada vez mais espaço e revelado artistas talentosos que exploram as especificidades locais, incorporando elementos da cultura brasileira em suas produções.

Ao explorar a história, as relações e as especificidades do Rap, Funk e Trap no Brasil, será possível compreender a evolução desses movimentos e seu impacto na cultura e na sociedade brasileira. Cada um desses gêneros musicais tem suas próprias narrativas e características distintas, mas juntos eles formam uma tríade poderosa que reflete a diversidade e a vitalidade da música e da cultura brasileira, destacando oscilações entre contestação e ostentação.

1.1. RAP: RITMO, POESIA E CONTESTAÇÃO

O estilo musical RAP, sigla para "Ritmo e Poesia", surgiu no Brasil na década de 1980. Sua origem é contada pelo antropólogo Ricardo Teperman em seu livro: *"Se liga no som: as transformações do Rap no Brasil"* (2015). Teperman inicia pela história do RAP e sua ascensão pelo mundo, e destaca que no Brasil o início da trajetória desse estilo musical, dos grupos e de MC's (acrônimo de Mestre de Cerimônias) mantém relações com o fortalecimento de movimentos sociais, que começam a se articular após o fim da ditadura militar brasileira. Enquanto movimento urbano, iniciado na estação São Bento do metrô de São Paulo, o Rap integra uma cultura para além do ritmo, com destaque para os estilos de moda próprio, a dança e o grafite que compõem o que se chama de movimento Hip Hop. Como descrito no documentário *"Racionais - das ruas de São Paulo pro mundo"*, os encontros na estação São Bento e na Praça Roosevelt entre os anos de 1985 e 1988 são marcos importantes para compreender o surgimento desse movimento no Brasil.

Por se tratar de um estilo politizado, onde a maioria de seus artistas carregam um discurso voltado para a crítica das desigualdades de classe e de raça, com destaque para as violências urbanas e policiais, durante toda a década de 1980, o movimento cultural não era bem aceito pela sociedade em geral. Era considerado um estilo musical típico da periferia que fomentava a violência, já que trazia em suas letras a realidade do cotidiano dos bairros mais pobres das grandes cidades, como São Paulo. Tendo como marca letras carregadas por "dialetos" e gírias de jovens periféricos, o conteúdo intenso retratava e explicitava as violências sofridas pelos moradores das comunidades, que conviviam com o crime, o tráfico de drogas e a brutalidade policial.

Mesmo carregado de estigmas, no início dos anos de 1990 o RAP começa a ganhar seu espaço dentro das grandes produções musicais, sendo difundido principalmente pelas rádios das comunidades, e em seguida conquistando seu espaço nas rádios do país.

Um dos grupos pioneiros que saiu da "bolha" das comunidades, atingindo o grande público, são os Racionais MC's, tendo seu primeiro registro musical em 1989. Os Racionais se tornaram hoje um dos principais grupos de RAP do país. Carregando as principais características musicais desse movimento, traziam frequentemente em suas letras e apresentações denúncias ao racismo, capitalismo e principalmente ao Estado, que seria o grande patrocinador da miséria e da violência urbana. Dos grandes sucessos de seus 34 anos de carreira, chamo a atenção para aqueles que mostram além da truculência policial, mas também a vontade do jovem negro e periférico de mudar de vida e chegar a lugares que não o pertencem devido à sua raça e classe social. Assim como no trecho de "Vida Loka, Pt. 2" (RACIONAIS MC'S, 2002),

Não é questão de luxo
Não é questão de cor
É questão que fartura
Alegra o sofredor
Não é questão de preza, nêgo
A ideia é essa
Miséria traz tristeza e vice-versa
Inconscientemente vem na minha mente inteira
Na loja de tênis o olhar do parceiro feliz

De poder comprar o azul, o vermelho
O balcão, o espelho
O estoque, a modelo, não importa
Dinheiro é puta e abre as portas
Dos castelos de areia que quiser
Preto e dinheiro, são palavras rivais
E então mostra pra esses cu
Como é que faz

Na letra da música “Negro Drama” (RACIONAIS MC’S, 2002) também é possível analisar quais eram (e ainda são) as possibilidades estreitas e limitantes de trajetórias sociais destinadas a jovens negros e periféricos. “Negro Drama” é um retrato cru da realidade vivida por esses jovens, abordando temas como violência, discriminação racial, desigualdade social e a luta diária pela sobrevivência.

Crime, futebol, música, carai'
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um

A música começa com uma introdução que evoca um ambiente opressivo e violento, abordando questões como a violência policial, a falta de oportunidades, a exclusão social e o racismo estrutural.

Nego drama
Eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego
Pra não ser mais um preto fodido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?
Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata
Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então olha o castelo e não
Foi você quem fez, cuzão

Não só “Negro Drama” mas outras tantas letras trazem uma forte denúncia da desigualdade social e racial, destacando como as oportunidades são negadas aos jovens negros, perpetuando um ciclo de violência e marginalização. São músicas que retratam a revolta e a indignação diante dessa realidade, expressando a dor e a luta por justiça e igualdade. Além disso, também fazem referência à resistência e à solidariedade entre os jovens negros, evidenciando a importância da união para enfrentar as adversidades, de modo a conscientizar e despertar a reflexão sobre as injustiças sociais e raciais presentes na sociedade brasileira.

Eu sou irmão do meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tim-tim, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias
[...]
Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro

Através de suas músicas, os Racionais MC's junto com DJ Hum e Thayde abriram portas para que outros marcantes nomes do RAP surgissem no Brasil na virada do século XX para o XXI. E com esse crescimento significativo, junto à valorização do movimento cultural na sociedade, houve a ascensão de outros nomes como Mv Bill, Marcelo D2, Gabriel O Pensador, entre outros artistas que hoje são considerados como a “velha escola” do RAP.

A marcante característica da “velha escola” são as letras críticas e mais pesadas, trazendo sempre um “protesto contundente” (Teperman, 2015), assim como as letras dos Racionais MC 's, que captam a realidade brasileira em sua forma original.

Entretanto, antes de apresentar a “nova escola” do RAP e citar as diferenças entre ela e a “velha escola”, é necessário entender como o RAP brasileiro chegou ao patamar atual, e para isso é preciso analisar também a história do funk no Brasil, e como a mistura dos dois ritmos culminou em uma nova vertente do estilo musical.

1.2. O FUNK E SUAS RAMIFICAÇÕES

O funk, assim como o RAP, tem sua origem nos Estados Unidos sendo uma variação do *soul music*, um estilo popular entre a comunidade afro-americana, surgido nos anos de 1950 e 1960. Sua segunda semelhança ao RAP é ser um estilo produzido na e voltado culturalmente para a periferia. Devido à segregação racial norte-americana, os grupos afro-americanos se isolaram dentro das comunidades da cidade de Nova York, especificamente no Harlem, onde foram criadas as primeiras composições do funk, assim como descrito por Hermano Vianna em sua dissertação intitulada “O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos” (1987).

Segundo Vianna, na metade da década de 1960 o estilo musical perde sua pureza revolucionária original, que marcou o movimento de luta pelos direitos civis e pela conscientização dos negros norte-americanos, e passa a ser sinônimo de *black music*. Nessa mesma época, o termo pejorativo funk, usado como gíria para o sinônimo de malcheiroso, quase como um palavrão, ganha novo sentido e passa ser símbolo do orgulho negro (VIANNA, 1987, p.45).

Quanto ao Brasil, o estilo chega ao país nos anos de 1970 e, diferente dos estigmas que carrega por ser um ritmo suburbano, as primeiras manifestações da música aconteceram nos conhecidos “bailes da pesada” promovidos pelo radialista Big Boy (1943-1977) na tradicional casa de espetáculos “Canecão”, localizada em uma área nobre do Rio de Janeiro. Os bailes traziam batidas animadas junto às letras, que já eram sucessos brasileiros e também letras americanas já consolidadas. Entretanto, foi apenas na década de 1980 que surgiu o primeiro disco inteiramente nacional, com toda produção brasileira, das batidas às letras.

Um dos nomes mais importantes a escrever a história do funk no Brasil foi Fernando Luís Mattos da Matta, o DJ Marlboro, que ao lançar seu disco “Funk Brasil” (1989) se torna essencial para o desenvolvimento do ritmo que veio a ser um dos mais tocados no país. Sucessor a ele, já beirando a virada do milênio, surgiram outros grandes nomes como: a dupla Cidinho & Doca, a produtora Furacão 2000, e os grupos Gaiola das Popozudas e Os Hawaianos.

Apesar do grande sucesso do Funk, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, o estilo musical sempre esteve cercado por estigmas e por muitas das vezes já foi, e ainda é, associado a práticas criminosas e a violência. Esse estilo é conhecido por suas batidas eletrônicas, letras provocativas e ritmos dançantes, que refletem a realidade das favelas e das periferias cariocas. A razão de não ser aceito por toda a sociedade é por ser, assim como o RAP, um ritmo produzido na e voltado para a periferia.

Mesmo com a ascensão através dos bailes realizados na zona sul carioca, o ritmo acabou não se firmando nesta região. Chegando a reunir até 5 mil pessoas em suas edições, os shows passaram a incomodar a classe média e até mesmo os astros da MPB, devido à ocupação de um de seus santuários, o “Canecão”. Sendo assim, os bailes passaram a ser realizados em diversas partes da cidade indo em direção à zona norte e às comunidades.

Com a chegada nas periferias, temas que abordam questões sociais se tornaram ainda mais presentes nas letras. Os MC's ganharam espaço para denunciar a criminalidade, a miséria e a violência vividas no cotidiano. O público presente nos bailes, em sua maioria, eram jovens negros/as e pobres, sendo eles/elas os/as próprios/as moradores/as dos locais onde aconteciam os bailes. Artistas e comunidades resistiram, utilizando o funk como uma forma de expressão e empoderamento.

O cruzamento entre o funk e o RAP começa a acontecer no momento em que os dois estilos musicais tratam de temáticas semelhantes em suas letras e sofrem dos mesmos preconceitos devido às suas origens sociais e raciais. Assim como no RAP com as suas “novas” e “velhas” escolas, no funk também vieram a existir novas vertentes, tornando-se um estilo ainda mais popular. Suas ramificações são: o proibidão, o funk melody, o ostentação, o 150bpm, o brega e o rave funk.

Chamo a atenção para o surgimento do *funk ostentação*, vertente que se integrou diretamente ao RAP e colaborou para o crescimento de um outro estilo musical denominado TRAP, sobre o qual falarei mais adiante. As temáticas presentes no funk ostentação são sobre as vontades dos jovens periféricos de terem tudo que há de melhor, entre carros, motos, joias, casas e roupas de grife.

No Brasil, o surgimento desse estilo musical aconteceu por volta de 1995. Quando o gênero saiu da cidade do Rio de Janeiro diretamente para Baixada Santista, no estado de São Paulo, as músicas ainda carregavam características marcantes do funk carioca, com letras abordando a criminalidade e questões sociais. E junto a essas características, estava a dificuldade em se firmar em um novo local devido ao conteúdo cantado, já que temáticas que envolviam sexo, drogas e prostituição não eram bem vistas pela sociedade paulista.

Para impulsionar o funk, mais precisamente no estado de São Paulo, era preciso mudar o assunto cantado, e devido à grande adesão do estilo nas periferias, os MC's decidem falar sobre os sonhos desses jovens periféricos. Contando em suas letras o desejo deles em ter um estilo de vida glamuroso, sempre voltado para marcas de luxo, dinheiro e principalmente, ostentação. Um dos primeiros *hits* a estourar dentro do funk ostentação é lançado em 2008 denominado de “Bonde da Juju”, e cantado pela dupla Backdi e Bio G3. Na música é possível observar a exaltação a marcas de roupa, assim como a *Oakley*, marca que era sucesso entre os jovens na época. E também o uso de acessórios que acabaram virando “peça chave” no estilo funkeiro, como a “juju”, apelido para o modelo de óculos Juliet.

O bonde da Juju
Tá de Ecko, tá de Oakley
Tá de Juliet, Romeo 2 e Double Shox
Os mano de Mark Ecko, as mina de Eco Red
Pra completa o visu, ó bonde de juliet

Outro nome de destaque para o funk paulista foi Mc Daleste (1992-2013), que na composição de suas letras trazia para além da ostentação, a exaltação, sexualização e objetificação das mulheres. Assim como feito na música “Angra dos Reis” (2012)

No peão ali em Angra fiz mais de 10 mil em compra

De onde o cifrão vem não é da sua conta
Dodger Journey, ou vestindo Christian Audigier
Deixa os parça de escanteio
Sobra espaço pra mais seis mulher

A sexualização feminina se estendeu junto à ostentação na composição de diversas letras de funk, onde mulheres são retratadas de maneira hipersexualizada não apenas nas letras como também em videoclipes e performances, o que contribui para a perpetuação de estereótipos prejudiciais e reforçando a ideia de que mulheres são objetos de desejo sexual. Em contrapartida, o surgimento de MC's mulheres dentro do mundo do funk trouxe uma nova visão sobre a participação feminina em um espaço predominantemente masculino.

Nomes de sucesso como Tati Quebra Barraco, Valesca Popozuda, Mc Carol de Niterói e Anitta mostram uma nova força dentro de ambientes vistos na maior parte das vezes como machistas. Donas de grandes sucessos musicais como “Boladona” (Tati Quebra Barraco, 2004), “Agora Tô Solteira” (Gaiola das Popozudas, 2007), “Meu namorado é Maior Otário” (Mc Carol, 2012) e “Show das Poderosas” (Anitta, 2013), as cantoras trouxeram para o funk, mesmo que em diferentes épocas, a ideia de que dentro do estilo musical também havia espaço para o empoderamento feminino, onde mulheres também podiam falar sobre libido, desigualdade e liberdade.

Entretanto, cantar sobre mulheres ou sobre ostentação não é exclusividade do funk. É de meu interesse no estudo sobre a mistura entre o funk e o RAP, entender em como os dois ritmos colaboraram para o surgimento e formação do TRAP no Brasil. E principalmente, em como os assuntos abordados nos dois estilos se tornaram os mesmos cantados nesse novo fenômeno musical, que também é marcado, não de forma generalizada, por um esvaziamento político de letras que faziam duras críticas ao sistema e à criminalidade, mas que dentro desse gênero se voltam para a ostentação e exaltação feminina em suma maioria.

1.3. TRAP: ESTILO DE VIDA HEDONISTA E EXTRAVAGANTE

O Trap é um estilo musical que surgiu na década de 1990 no sul dos Estados Unidos. Inicialmente, o termo "Trap" se referia à cultura das áreas urbanas de baixa renda, conhecidas como "Trap houses", onde ocorria o tráfico de drogas. Com o tempo, o termo passou a ser associado a um estilo específico de música.

O Trap é caracterizado por sua sonoridade marcante, que combina elementos do hip-hop, da música eletrônica, do funk e do R&B (Rhythm and Blues). É conhecido por suas batidas pesadas e distorcidas, linhas de baixo intensas, samples e o uso de instrumentos eletrônicos. As letras do Trap frequentemente abordam temas relacionados à vida nas ruas, violência, drogas, luxo, relacionamentos e experiências pessoais.

Para Pedro Pina Vasquez, na reportagem “Trap brasileiro, o som que promete revolucionar”, o Trap é tratado como subgênero do Rap. É mostrado pelo autor que, assim como o Rap, o Trap teve seu início nas periferias norte-americanas e por isso também trata de assuntos como política e direitos humanos, mas como uma pegada mais agressiva².

Analiso que por ter uma pegada mais agressiva, o novo gênero musical, ao chegar no Brasil, se assemelha ao funk, já que foi acrescentado ao Trap temas como drogas, sexo e violência. Mas é importante ressaltar que de modo geral o gênero se conectou com as vertentes do funk conhecidas como ostentação e proibidão, e não com o antigo funk carioca, que utilizava das batidas e letras para falar sobre as mazelas da sociedade. E se tratando da sua ligação com Rap, é notável que o Trap está voltado para a vertente da “nova escola”, já que a característica da mesma era ter uma pegada mais leve, assim como descrito por Loren Tessy Andrade em seu artigo “O Rap nacional: origens, ‘velha escola’ e a ‘nova escola’”. Segundo Andrade,

² Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/Trap-brasileiro-o-som-que-promete-revolucionar>. Acessado em 19/06/2023

Busca “levadas mais dançantes”, projetos mais “individuais, crescente “escolaridade”, abertura e “flexibilidade no trato com a grande mídia e considerável traquejo comercial”, “maior acesso aos bens de consumo” buscando uma “conciliação” ao invés do conflito que era evidente entre classes tido na “velha escola”, assim diferenciando-se do movimento mais antigo

As primeiras manifestações do novo estilo surgiram no Brasil no ano de 2014, onde grandes nomes revelaram-se desde então. Podemos citar como destaques do TRAP atual os cantores Matuê, Borges e MD Chefe. Mesmo que o ritmo seja conhecido por trazer temáticas sociais e simultaneamente letras sem preocupações com as realidades desiguais do cotidiano, o TRAP também passa por grandes variações em seus conteúdos cantados.

Para iniciar a análise sobre o crescimento e influência do TRAP, é necessário transitar por suas variáveis. Darei início com a exibição da letra “Anos Luz” (2017), música de grande sucesso do cantor Matuê,

E quando a gente cai na cama
O bagulho esquenta quente na frigideira (quente na frigideira)
Quando eu bato o olho nela não paro de imaginar besteira (eu só penso besteira)
Sinceramente, o problema é ela porque essa bunda é brincadeira (essa bunda é brincadeira)
Quem ela pensa que é esfregando essa porra em mim a noite inteira

É possível observar que na composição da letra a sexualização e objetificação do corpo feminino se fazem presentes, e há poucos espaços para duras ou extensivas críticas a qualquer problema social. E ao contrário do que era feito na “velha escola” do RAP, dentro do TRAP a exaltação ao uso de narcóticos é um tema recorrente

Dropando o doce em mim a noite inteira
Fumando um beckzinho a noite inteira
Tô com ela em um foguete de bobeira
Ta me enlouquecendo mesmo que eu não queira
(mesmo que eu não queira)

Mesmo com o notável esvaziamento político numa letra de grande sucesso, isso não foi empecilho para o grande alcance de público, talvez tenha sido o motivo de tal alcance, já que “Anos Luz” acumula mais de 200 milhões de visualizações na plataforma de vídeos *Youtube*, assim como outras músicas lançadas pelo cantor Matheus Brasileiro Aguiar, o Matuê. O número representa o grande crescimento do TRAP no país, e sugere que a falta de pautas políticas gera uma ampliação do número de consumidores. Trago aqui a música “Máquina do Tempo”, outro exemplar de grande sucesso que enfatiza o uso de drogas, sexo e consumismo:

Me vê: duplo Rolex, fumando becks
Hoje eu trouxe um slick cheio do topê
Derrubo um Jack, bola uma track
Sempre existe mais dinheiro a fazer

Uh-hey, dinheiro a fazer
Sempre existe mais dinheiro a fazer
Uh-hey, dinheiro a fazer
Sempre existe mais dinheiro a fazer

Ahn, domingo queimando gasolina, yeah
(Domingo queimando gasolina)
Foi mal por comer a sua prima (Yeah, yeah)
Mas a bunda dela me fascina, yeah
Mas a bunda dela me fasc...

Eu vou fazer uma máquina do tempo, encher ela de boldo
Vou voltar pro passado e reescrever tudo de novo
Vou pros anos '70 encontrar com o meu sogro
Pra fumar um baseado mais bolado que o outro
Yeah, propando whisky na balada

20 grama de hash, ninguém entendia nada (É o quê?)
Viajar no espaço-tempo, você tá ficando doido?
Cê sabe que isso é impossível, garoto, isso é papo de louco
Essas ideia não vai curar com uma bomba

Mas não é do tipo que explode, é do tipo que te lombra
Falei: cê tá bem gostosinha, então segura a sua onda
E hoje cê não imagina a cena quando ela...
[...]

Ahn, temaki apertado
Se ela não quer me ligar, eu não tô ligado
Mas o amor dela queima forte tipo um baseado
Ela vai desligar mesmo se eu não me ligar
Ela é A+, hein

Ahn, eu queria um carro
Agora eu posso ter dez, tá faltando vaga
Tô bombando no top dez, dominando a área
Ninguém vai me parar, nada mais vai me parar
A+, hein

Pontuo como segunda variável do TRAP a diversidade dentro desse universo, e para isso trago duas composições do cantor carioca Borges, onde o mesmo reúne uma fusão de ritmos, trazendo as críticas presentes no RAP assim como a ostentação presente no funk. Na letra de “Lei Áurea” (2020) o cantor exhibe o racismo sofrido dentro e fora das favelas, a presença da criminalidade no cotidiano das crianças e a brutalidade policial aturada pelos moradores, e traz exemplos de crimes cometidos contra o povo preto apenas por serem residentes de comunidades. Tal como a assassinato de cinco jovens negros com idades entre 16 e 25 anos pela Polícia Militar do Rio de Janeiro no ano de 2015, onde foram disparados 111 tiros de fuzil e revólver contra o carro em que estavam, durante uma volta para casa no Morro da Lagartixa, Zona Norte carioca.

Alguém me acorda desse pesadelo
111 tiros acertam um preto
Menor jogado com corpo no beco
Nossa pele faz nós já nascer suspeito
Ágatha, Duda, Kauan, João Pedro
E dizem que só quem morre é traficante
Guerra licenciada pelo Estado
Favela alimenta sua fome de sangue
Durmo sem saber se vou acordar
Recuar no morro, nunca foi marcar
Tentam impedir a gente de sonhar
Quem não conhece, o que sobra é julgar
Explica que o herói é quem mata
E o vilão é quem te deu chuteira
Perde seu pai em meio a oitenta tiros
Cresce na sombra de uma mãe solteira
Olhos de ódio reluzem saudade

Lei Áurea liberta, não traz igualdade
Casa que habitava felicidade
Hoje só resta frieza e maldade
Não acredito em conto de fardas
Não acredito em conto de fadas
Vingança hoje é sobreviver
A paz aqui já não vale de nada

Em contraposição às incisivas críticas ao racismo exposto, também encontramos composições que não detêm nenhum julgamento ou desaprovação às adversidades vividas, como em “Gucci, Prada” (2023), canção composta por Borges, Chefin e Oruam, outros dois cantores de TRAP cariocas. Na letra o que se faz presente são as principais características já agregadas ao funk ostentação: a exaltação a marcas e mercadorias.

[Oruam]
Gucci, Prada, Fendi, Pandora
Quê que você quer, oh?
Aqui cê pode escolher o que cê quiser

[Borges]
Não é porque eu sou artista que eu não posso amar
Se eu tenho dinheiro é porque eu posso gastar
Carros caros, roupas caras, mansão cara no Joá
Dei a bolsa mais cara e pode comprar que eu vou pagar

[Chefin]
Olha agora o trem-bala passando
Nóis tudo fortão, só puxa a relíquia do mano
Hublot no meu pulso, mano, eu não sei vê hora
E a meta da gata é nós sair junto de Jordan

A menção a marcas de grife como *Gucci, Prada, Fendi e Pandora*, a “mansão cara no Joá” (bairro de alto padrão, localizado na cidade do Rio de Janeiro) e também à famosa e luxuosa linha de relógios da *Hublot*, fomenta ainda mais a linha rico x pobre que se tornou muito mencionada nas letras atuais de TRAP. O que enxergo como uma problemática, já que grande parte dos/as adeptos/as ao estilo musical são jovens periféricos/as, que se sentem representados/as pelas letras e também por verem outros jovens que conseguiram sair da periferia e mudar de vida. Entretanto, essa “mudança de vida” ocorre apenas com os artistas, e não com os/as ouvintes. Mas ainda assim, a exibição e ostentação de bens conquistados gera no público a ânsia de possuir os mesmos objetos e viver tal estilo de vida, ainda que para isso tenha que priorizar seus gastos com bens materiais e não com itens essenciais.

Enfim, aponto como terceira e última variável do TRAP a ser analisada a sua relação com o consumo, motivo que despertou o meu interesse dentro da música. E para isso utilizarei as teorias do sociólogo Zygmunt Bauman e do antropólogo Leslie White para tal comparação, dando início com a diferenciação dos conceitos de consumo e consumismo para Bauman.

O consumo se define como a compra ou uso de qualquer mercadoria que necessite e satisfaça suas exigências básicas. Assim como descreve Bauman (1999, p. 77) “[...] consumir é atividade inerente à humanidade, conduta atemporal e pré-requisito de subsistência humana [...]”. Todavia, a partir do momento em que a compra se torna algo superficial, não essencial para vida, o ato do consumo passa a ser considerado consumismo. Já que o consumidor não necessita do produto que adquiriu, mas o compra para satisfazer suas vontades, extrapolando o que seria adquirir bens para necessidades pessoais (FLORENTIN; LEMOS, 2018).

Analiso que a relação do TRAP com o consumo deve ser vista como um consumismo exacerbado, já que o exibicionismo de carros, roupas, perfumes, mansões etc. não são necessários para subsistência humana, mas sim, se tornaram um meio de reforçar o uso do capital e suas várias formas de distinção social. Acrescento ainda que para Bauman (2008, p. 38), a revolução consumista é aquela caracterizada por um “volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes”, ou seja, quanto mais se tem, mais se quer ter. Percebo que por isso é de tamanha importância para os Trapper 's não ter apenas um carro de luxo, mas sim, ter o carro de luxo do ano ou mais de um, saciando assim suas vontades de sempre ter e querer mais, e dessa forma, tentando encontrar felicidade através de bens materiais de alto padrão comercial e distintivo.

E se tratando de bens materiais, utilizarei da teoria dos símbolos na antropologia de Leslie White para tentar entender a importância de devidos objetos dentro dessa produção cultural estimada. Para White, o símbolo é a unidade básica do comportamento humano, sendo ela a “base da cultura”. Dela deriva o termo simbologizar, que o autor define como “a capacidade de originar, definir e atribuir significados, de forma livre e arbitrária a coisas e a acontecimentos no mundo externo, bem como de compreender significados” (WHITE, 2009, p. 9). Na compreensão de White, o homem torna-se humano, e se diferencia dos demais animais, quando adquire a capacidade de simbologizar (NASCIMENTO, 2018).

A capacidade de atribuir e definir significados às marcas e produtos mencionados nas letras de TRAP determinaram, por parte dos/as ouvintes e também dos cantores, o que seria relevante para continuar sendo cantado, e o que seria descartado dos próximos hits. O destaque e o valor dado à marca de grife *Lacoste* após o fenômeno viral de MD Chefe, denominado de “Rei Lacoste” (2021), fez com que a marca fosse citada em diversas outras canções, e alcançasse principalmente o grupo de origem periférico, que se tornou grande fã da etiqueta parisiense. Tal situação só foi possível devido à atribuição de valor monetário e de distinção a peças que contém o prestigiado “jacaré” (forma como o símbolo da grife é citado em inúmeras músicas), e nos dias de hoje ter e utilizar produtos da *Lacoste* é sinônimo de andar na moda, como um ícone de status social.

Apesar do grande sucesso entre jovens periféricos/as, os objetivos principais da marca eram de continuar tendo como seu público principal o tradicional comprador de artigos de luxo, a elite (SANT'ANNA, 2022). Entretanto, com a grande repercussão no mundo da música, e com seu crescente número de vendas, os representantes da grife no Brasil decidem mudar suas estratégias de marketing para ampliar sua base de fãs, se conectarem com os artistas que a citam, e claro, aumentar ainda mais seus lucros. Chamo a atenção para a ação promovida para comemoração de seus 90 anos de existência, que alterou logos de algumas de suas lojas de *Lacoste* para “Lalá”, apelido dado pelos seus fãs brasileiros ao se referirem à marca. A mudança ocorreu em duas das suas principais boutiques, localizadas no bairro Morumbi, em São Paulo, e no Barra Shopping, na cidade do Rio de Janeiro, além de promoverem encontros entre comunidades da cultura urbana que trouxeram atrações do mundo do funk.

Podemos pensar ainda na relação entre as letras de trap, que abordam o consumismo e as marcas, com a obra do sociólogo Pierre Bourdieu, “A Distinção”, ao explorar a relação do conceito de distinção social e simbólica.

Em “A Distinção”, Bourdieu argumenta que o consumo de bens e a adoção de certos estilos de vida estão intrinsecamente ligados à busca por distinção social. Ele sugere que as pessoas usam suas escolhas de consumo, incluindo marcas e produtos específicos, como uma forma de se diferenciar das classes sociais mais baixas e afirmar sua posição na hierarquia social.

Muitas letras de trap contemporâneas retratam um desejo de riqueza material e de exibir marcas de luxo como símbolos de status. Como já mencionei, os artistas frequentemente mencionam marcas famosas como Gucci, Versace, Rolex, entre outras, como uma forma de demonstrar sua riqueza e sucesso. Essas referências às marcas de luxo podem ser entendidas como uma expressão da busca por distinção social e uma maneira de afirmar um certo status dentro da cultura do trap.

No entanto, também é possível analisar essa relação criticamente, considerando que muitos artistas de trap vêm de origens desfavorecidas e usam a música como uma forma de expressar as desigualdades sociais e econômicas. Enquanto Bourdieu destaca o papel das escolhas de consumo na reprodução das desigualdades, as letras de trap podem ser vistas como uma forma de acentuar a distinção social e simbólica sem necessariamente subverter ou criticar as relações estruturais desiguais.

Após passar pelas variáveis que considero importantes dentro do TRAP, concluo que o movimento cultural está num caminho cada vez mais crescente. Sua influência altera formas e jeitos de falar, adicionando novas gírias e dialetos ao vocabulário, maneiras de se vestir com a exaltação ao uso expressivo de roupas e acessórios de grife, que se tornam peças-chaves para a inclusão em determinados grupos sociais. E suas letras são de grande impacto e relevância para o universo musical, já que seus números de reproduções e visualizações em plataformas digitais como *Spotify* e *Youtube* ultrapassam a casa do milhão.

Ao fim, ressalto que o TRAP, mesmo sendo um subgênero do RAP, se afasta cada vez mais de temáticas sobre as desigualdades sociais e raciais, trazendo um esvaziamento político e contestatório e uma possível diminuição do senso crítico ao seu público.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao expor a diversidade cultural e musical brasileira a partir da relação entre Rap, Funk e Trap, comecei destacando a atuação, dentro do Rap, dos Racionais MC's. "Negro Drama" é um exemplo poderoso de como a música e a cultura hip-hop podem ser usadas como formas de expressão e resistência, dando voz aos excluídos e denunciando as desigualdades e injustiças sociais. A letra dessa música é um grito de protesto contra a violência, a discriminação e a falta de oportunidades enfrentadas pela juventude negra nas periferias, reafirmando a importância de lutar por mudanças e por uma sociedade mais justa e igualitária.

O surgimento do funk no Brasil também está relacionado às festas e bailes promovidos nas comunidades, que serviram como espaços de expressão e sociabilidade para os moradores. Essas festas, conhecidas como bailes funk, tornaram-se um importante ambiente de difusão do gênero, onde os MC's improvisavam rimas sobre as batidas do funk.

No entanto, é importante destacar que tanto o Rap quanto o funk no Brasil enfrentaram e ainda enfrentam estigmas e preconceitos. Por serem associados às periferias, à pobreza e à criminalidade, os gêneros muitas vezes foram marginalizados e alvos de repressão. Mesmo assim, artistas e comunidades resistiram, utilizando o rap e o funk como uma forma de expressão e empoderamento.

Nos últimos anos, o funk brasileiro, com suas variações, tem alcançado grande popularidade em todo o país e internacionalmente, com diversos artistas ganhando reconhecimento e sucesso. A música e a cultura do funk têm se mostrado como uma forma de dar voz e visibilidade às questões sociais e culturais das periferias, além de ser um espaço de resistência e empoderamento para a juventude negra e de baixa renda.

Busquei mostrar também, ainda que brevemente, como o trap é um gênero musical que combina elementos do rap e do funk, resultando em uma sonoridade característica e cativante. O estilo musical emergiu principalmente na cultura urbana, e suas letras muitas vezes abordam temas como festas, ostentação, mulheres e o uso de narcóticos.

As letras de trap são conhecidas por retratar um estilo de vida hedonista e extravagante. Elas frequentemente descrevem festas e eventos noturnos, exaltando a ideia de se divertir ao máximo. Além disso, o trap é marcado por uma abordagem ostensiva à riqueza material, com referências a carros luxuosos, marcas de moda, jóias e outras formas de exibição de status.

Outro aspecto recorrente nas letras de trap é a referência ao relacionamento com as mulheres. Embora nem todas as músicas de trap abordem esse tema de maneira negativa, é comum encontrar letras que objetificam mulheres, retratando-as como objetos de desejo, como "mercadorias distintas" ou como um meio para alcançar a satisfação pessoal.

Além disso, o uso de narcóticos também é um tema presente nas letras de trap. Algumas músicas glamourizam ou fazem referência ao consumo de drogas, o que pode ser visto como uma forma de expressão artística ou até mesmo uma forma de retratar a realidade em certos contextos.

É importante ressaltar que as letras do trap não são representativas de todos os artistas e músicas do gênero. Existem variações e subgêneros dentro do trap, com artistas que exploram outros temas e questões sociais. No entanto, é inegável que a ostentação, as festas, as mulheres e o uso de narcóticos são

elementos comuns nas letras de trap que ganharam popularidade. Em última análise, a interpretação e apreciação das letras de trap dependem do contexto cultural, dos valores pessoais e das perspectivas individuais de cada ouvinte.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. T. **O rap nacional: origens, “velha escola” e a “nova escola”**. Das Amazônias, [S. l.], v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/2272>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. **A vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- COSTA, Rodrigo. Lacoste muda fachada de lojas para “Lalá” ao comemorar 90 anos da marca. [S. l.], 26 mai. 2023. Disponível em: <https://portalrapmais.com/lacoste-muda-fachada-de-lojas-para-lala-para-comemorar-90-anos-da-marca/?amp=1>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- CYMROT, Danilo. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia) - Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, [S. l.], 30/09/2011. DOI 10.11606/D.2.2016.tde-26082016-134709. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-26082016-134709/publico/Danilo_Cymrot_ME.pdf. Acesso em: 27 mai. 2023.
- ESSINGER, Silvio. **Batidão: uma história do funk**. Rio de Janeiro: Record, 2005
- FIOCCHI, Talita. **Mulheres no funk: empoderamento feminino dentro e fora dos palcos**. [S. l.], 22 out. 2020. Disponível em: <https://vozesdasperiferias.com/mulheres-no-funk-empoderamento-feminino-dentro-e-fora-dos-palcos>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- FIORENTIN, Renata Angelis Jamardo; LEMOS, Tiago. **Análise da Teoria de Zygmunt Bauman: Do consumismo ao superendividamento**. 2018. Artigo (Mestrado em Direitos Humanos) - Centro Universitário do Espírito Santo, [S. l.], 17/01/2018. Disponível em: [https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/AnaisDirH/article/download/4623/4222/12640#:~:text=consumir%20é%20atividade%20inerente%20à,supérfluos%20\(OLIVEIRA%2C%202017\)](https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/AnaisDirH/article/download/4623/4222/12640#:~:text=consumir%20é%20atividade%20inerente%20à,supérfluos%20(OLIVEIRA%2C%202017).). Acesso em: 24 jun. 2023.
- LOUREIRO, B. **Arte, cultura e política na história do Rap nacional**. Rev. Est. Bra, n. 63, abr. 2016, pp. 235 a 241). DOI <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i631p235-241>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114886/112610>. Acesso em: 26 maio 2023.
- LUZ, Eduardo; BERALDO, Mateus; MELLO, Renan. **A história do Rap e os ataques feitos pela sociedade**. enciAgemt, Jornalismo PUC-SP, 14 maio 2021. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/historia-do-Rap-e-os-ataques-feitos-pela-sociedade>. Acesso em: 22 maio. 2023.
- NASCIMENTO, V. da S. WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. Politeia - História e Sociedade, [S. l.], v. 9, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3837>. Acesso em: 26 jun. 2023.

- PULIATI, Julio. **Racionais MC's : músicos e "cientistas sociais" da quebrada**. Artcetera, [s. l.], 8 jul. 2022. Disponível em: <https://artcetera.art/musica/racionais-mcs/>. Acesso em: 22 mai 2023.
- RACIONAIS: **Das Ruas de São Paulo Pro Mundo**. Direção: Juliana Vicente. Brasil: Netflix, 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81082516>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- SANT'ANNA, Lara. **Lacoste aposta forte no Brasil (e você vai entender o porquê)**. [S. l.], 18 nov. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/lacoste-aposta-forte-no-brasil-e-voce-vai-entender-o-porque/>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- SANTOS, Carla Barbosa Dos et al.. **A influência do funk na formação identitária de adolescentes**. Anais VII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67740>>. Acesso em: 27 mai. 2023
- SILVA, Ludmila. **Há cinco anos, em Costa Barros, cinco jovens eram assassinados pela Polícia Militar; 111 tiros foram disparados contra os rapazes**. [S. l.], 28 nov. 2020. Disponível em: <https://www.anf.org.br/ha-cinco-anos-em-costa-barros-cinco-jovens-eram-assassinados-pela-policia-a-militar-111-tiros-foram-disparados-contra-os-rapazes/>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: As transformações do RAP no Brasil**. 1. ed. [S. l.]: Claro Enigma, 2015. 184 p. ISBN 8581661262
- TOLEDO, Rafael. **Conheça a história e os pioneiros do funk ostentação que ditou moda em São Paulo**. [S. l.], 14 out. 2021. Disponível em: <https://sobrefunk.com/conheca-a-historia-e-os-pioneiros-do-funk-ostentacao-que-ditou-moda-em-sao-paulo/>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- VIANA, Hermano P. Jr. **O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.
- VASQUEZ, Pedro Pina. **Trap brasileiro, o som que promete revolucionar: Entenda a origem e as principais ações do novo estilo de música que está bombando no País**. [S. l.], 27 jun. 2022. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/trap-brasileiro-o-som-que-promete-revolucionar>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.